

Romance de amor

Ubiratan Teixeira

O jornal bem lido é aquele que o leitor o faz como se estivesse consumindo um bem estruturado romance de amor. Os ingredientes de sua folha diária são os mesmos de um bom **best-seller**: tem intriga política, amores intensos, mistério policial, lances de traições passionais e amenidades; que ao leitor inteligente basta completar com o adequado recheio ficcional. E, com esse inteligente exercício de lucidez o leitor deste ou de qualquer outro jornal se sentirá privilegiadamente gratificado: ou... Donde, mais do que festejar um venerável 1º de Maio a equipe de **O ESTADO DO MARANHÃO** está comemorando nesta preciosa data de gratas recordações trinta e seis anos de circulação contínua, testemunhando a cidade e o mundo, opinando, interpretando, ilustrando o dia a dia de nossa preciosa história, documentando para o futuro, com a lucidez que sempre nos tem sido peculiar.

O leitor está cansado de saber que nosso registro civil original foi com o nome de "Jornal do Dia" - alma e pensamento da cidade. E que de lá para cá, testemunhando a ascensão e queda de outros jornais, recebendo companheiros de outras fronteiras, experimentando linguagens, construímos um roteiro de conquistas em todos os sentidos, atento às conquistas tecnológicas, da composição a quente ao processador de texto eletrônico de última geração; vencemos os 13 mil

140 dias úteis de vida que nos conserva em circulação.

Mesmo admitindo que o jornal - não este, nem aquele, mas todos os jornais do mundo - pode ser lido como uma romance excepcional, é bom também que se fique atento ao que escreveu o idealizador do órgão, nosso fraterno companheiro de jornalismo José Sarney na edição de 1º de maio de 1973, justamente a Edição I, Ano I da fase **O ESTADO**: "Um jornal deve ser uma

“ Um jornal, como o nosso lembra às vezes um romance-combate, do tipo que se vê nos filmes heróicos de Ford ”

grande Universidade. A informação é, hoje, como a saúde, como a vida, um direito. Uma sociedade democrática é a base sem a qual é impossível construir a liberdade: é o oxigênio sem o qual ninguém respira”.

Mas deixemos a visão tomista de Zésarney, que iria nos carregar para uma análise exaustiva no campo do idealismo dialético e fiquemos com a minha estrutura romanesca simplista.

Em princípio é um **romance** de co-autoria onde os co-autores freqüentemente se misturam aos personagens: resta ao leitor fazer sua escolha. Nosso diário de freqüência está grandemente desfalcado; claros que nos deixaram saudades, alguns, outros lembranças agradáveis e outros mais uma vontade danada de que retornassem. Um jornal, como o nosso, lembra às vezes um romance-combate, do tipo que se vê nos filmes heroicos de Ford - a tropa vai avançando sob intensa fuzilaria, um bravo empunhando a bandeira esfiapada, de repente uma bala sem roteiro abate o porta-bandeira, mas o "pendão" não pode tombar: aquele pano colorido é o símbolo de que o exército está vivo e atuando. Depois da morte de Bandeira, bandeira e símbolo, o posto tem sido ocupado por outros bravos. Mas essa é a vida de um jornal. Que lamentavelmente não podemos continuar a análise e o registro da data, porque começou o jogo do Brasil contra a Argentina.

E para-tichim-bum.